

## Estigma e uso de drogas

---

Thaís de Souza Vidal Costa

<http://lattes.cnpq.br/3761396830644442>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.95.11

## RESUMO

Ao analisarmos o cenário contemporâneo de discriminação e preconceito perante usuários de drogas, retornamos ao passado e percebemos que o estigma se mantém por muitos anos. Tal situação nos levou a indagarmos sobre quais são os produtos gerados por esse cenário de exclusão do diferente, e como o mesmo se manteve por tanto tempo. O presente estudo objetivou analisar a relação entre estigma e usuários de drogas no decorrer da história, bem como as consequências ocasionadas por este fenômeno. Os dados foram obtidos através de uma pesquisa de caráter descritivo, após a realização da revisão bibliográfica de produções científicas, sendo os resultados apresentados de forma qualitativa. Observamos que há certa escassez de trabalhos relacionados a esse tema. No entanto, o estudo apresentou resultados que apoiam uma possível associação entre estigma e o uso de drogas, capaz de inaugurar ou intensificar uma visão negativa sobre o usuário de drogas. Nota-se também que a família e os profissionais de saúde possuem uma grande importância no processo de interiorização do estigma ou desmistificação deste, uma vez que são capazes de influenciar o olhar do ser humano com relação ao mesmo.

**Palavras-chave:** estigma. drogas. preconceito.

## ABSTRACT

When analyzing the contemporary scenario of discrimination and prejudice towards drug users, we return to the past and realize that the stigma remains for many years. This situation led us to ask about the products generated by this scenario of exclusion from the different, and how it has remained so long. The presente study aimed to analyze the relationship between stigma and drug users throughout history, as well as the consequences caused by this phenomenon. The data were obtained through a descriptive research, after carrying out the bibliographic review of scientific productions, the results being presented in a qualitative way. We note that is a shortage of works related to this theme. However, the study showed results that support a possible association between stigma and drug use, capable of inaugurating or intensifying a negative view on the drug user. It is also noted that the family and health professionals are of great importance in the process of internalizing the stigma or demystifying it, since they are able to influence the human being's view of it.

**Keywords:** stigma. drugs. prejudice.

## INTRODUÇÃO

Ao abordar aspectos comuns na vida de uma pessoa que faz ou que em algum momento fez uso de drogas é necessário esclarecer a relação dessa pessoa com a substância. A Classificação Internacional de Doenças (CID-10) classifica a dependência química pela “presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela”.

Dessa forma, o presente artigo abordará o termo usuário de drogas para se referir ao uso de uma forma ampla e não apenas associado à dependência (OMS, 2008; LINS, 2009).

O uso de drogas está presente em toda a história da humanidade, BESSA (2010) salienta que não é possível pensar uma sociedade em que as pessoas não utilizem de nenhum meio para modificar o estado de consciência. Assim, é interessante questionar em que momento o usuário de drogas começou a ser associado a características negativas, quando e por quais motivos o estigma passou a ser uma realidade deste grupo.

Não se pode negar que parte dos usuários enfrenta grandes problemas provenientes do uso de drogas, como, risco de tornar-se dependente, agravamento de transtornos mentais já existentes, complicações legais, sociais e familiares. Além disso, a abstinência também pode provocar sérias contrariedades, como, ampliar desejos de suicídio, elevar o índice de ansiedade, podendo até mesmo instigar atos criminosos, como furto, para conseguir recursos a fim de adquirir a substância desejada (BOTTI; MACHADO, 2015).

No entanto é essencial destacar que não é possível apontar relação de causa e consequência entre o uso de drogas e a apresentação de condutas desfavoráveis para todas as pessoas. Muito dependerá da maneira como cada sujeito utiliza determinada substância, da subjetividade, percepção sobre si mesmo, suas potencialidades e limites, contexto social e familiar em que está inserido, entre outros fatores. Inviável seria apontar qualquer vínculo entre um usuário de drogas e o comportamento que irá apresentar sem antes conhecer tal sujeito ou ao menos saber minimamente sobre seu histórico de vida (BOTTI; MACHADO, 2015).

Embora a prática de alterar a consciência com o uso de substâncias psicoativas seja algo realizado durante toda a história da humanidade e compartilhado por inúmeras culturas grande parcela da sociedade ainda insiste em julgar o ato a partir de padrões pré - estabelecidos sem conseguir compreender que cada sujeito reage de uma determinada forma após consumir algum tipo de droga (MOTA, 2009).

Esse prejulgamento ocorre pelo fato de já existir na composição do consciente coletivo uma representação social deteriorada a respeito das pessoas que fazem uso de drogas. Tais indivíduos receberam um estigma por exercer determinado comportamento e este vem sendo reforçado ao longo da história (BARD *et al.*, 2016).

O estigma é um conceito aplicado com o objetivo de sinalizar que a pessoa ou grupo em questão possui certas características. São sinais que desvalorizam o indivíduo perante a sociedade. No decorrer da história podemos perceber o preconceito sendo disseminado através de estigmas, com relação aos negros, pobres, moradores de periferias, pacientes acometidos pela hanseníase, dentre outros (SCHILLING; MIYASHIRO, 2008; BORENSTEIN *et al.*, 2008; LONGO, 2012)

Entender a relação do uso de drogas com o estigma e principalmente como o usuário é visto pela sociedade é muito importante. Esse tipo de reflexão é o que nos permite arquitetar maneiras de sensibilização a respeito do sofrimento e prejuízo causados pela consequente discriminação e preconceitos provenientes do estigma.

Tendo como ponto de partida a utilização de artigos científicos, livros e sites cuja temática se baseiam em questões diretas ou indiretamente voltadas para o estigma o trabalho em

questão busca responder ao problema de pesquisa: É possível analisar através de referências bibliográficas a existência ou ausência de uma influência exercida pelo estigma na vida de um usuário de substâncias psicoativa?

O presente artigo tem como objetivo entender a partir de pesquisas bibliográficas se o estigma vivenciado atualmente por usuários de drogas é o mesmo que operava no passado ou se esse conceito sofreu alterações ao longo da história, além de analisar como o estigma influencia a vida da pessoa que faz uso de substâncias psicoativas.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com resultados apresentados de forma qualitativa, que, segundo GIL (2008) é um procedimento realizado através do estudo de instrumentos previamente elaborados. Normalmente consulta-se principalmente livros e artigos científicos, entre outras fontes como jornais, boletins, documentos (LAKATOS, 2003).

O trabalho com base em análise de conteúdo permite ao pesquisador entrar em contato com um número diverso de conteúdo. A pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida a partir de inúmeras vias, dentre as fontes bibliográficas disponíveis é possível citar os meios audiovisuais, a imprensa escrita, materiais cartográficos e as publicações (LAKATOS, 2003; BALLARIM *et al.*, 2010).

Na busca pelo conhecimento este tipo de pesquisa se apresenta como uma opção capaz de direcionar o pesquisador a um campo do saber vasto e detalhado, pois permite o acesso a inúmeros meios que possibilitam a aquisição de informações (PIZZANI *et al.*, 2012).

O caráter descritivo foi adotado com o objetivo de viabilizar a identificação da associação das variáveis investigadas. (GIL, 2002)

Para a realização da pesquisa bibliográfica foi utilizado como meio de estudo a busca eletrônica de produções científicas, bem como livros e sites. No entanto, é considerável citar que para embasar a referida produção foram empregadas publicações cujos temas e/ ou objetivos estavam de alguma forma relacionados ao presente estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O processo de estigmatização do usuário durante a história

Há milhares de anos as pessoas já utilizavam drogas com diversas finalidades. Associados ao uso estavam inúmeros fatores, como, religiosos, culturais, lazer, com fins farmacológicos, entre outros. Vários pesquisadores e sociólogos questionam se houve em algum momento uma sociedade completamente isenta do uso de algum tipo de droga. O álcool, por exemplo, possui registro de consumo por volta de 6.000 a.C. segundo informações do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID) 2011. (MACHADO; BOARINI, 2013).

Segundo TRAD (2009) foi somente no início do século XIX que alguns países começaram a entender o uso de drogas associado à dependência, danos sociais e/ou econômicos como

consequência do uso, além do crescente comércio ilegal (tráfico) passando assim a reprimir o uso. Nesta época o Brasil adotou um modelo de origem americana chamado de “proibicionista”. O mesmo propunha como método prático a abstinência e repressão dos usuários, além disso, veiculava a imagem da pessoa que fazia uso de drogas com a ilegalidade. (MARANGONI, OLIVEIRA, 2013)

Por volta dos anos 60 as drogas começaram a ser produzidas em maior escala e da mesma forma comercializadas. Tratadas com foco na proibição eram relacionadas à delinquência e marginalidade, assumindo um caráter pejorativo. Outro ponto marcante e também crucial refere-se ao fato de que neste mesmo período as drogas passaram a ser controladas pelo Estado. Sendo assim as pessoas que decidem fazer o uso são diretamente associadas à ilegalidade, por isso passam a se esconder ou a serem excluídas pela sociedade (MELO, 2016).

Todo grupo de pessoas é representado dentro do imaginário social, da mesma forma como existe uma representação individual. Porém quando o coletivo discrimina algo por causa de marcas e características próprias esse fato ganha um novo conceito. Não é diferente quando se trata de usuários de drogas, eles também possuem um lugar dentro da consciência grupal. Chamamos de Representação Social formas de (re) conhecimento de pessoas ou grupos dentro da sociedade. Trata-se de um conjunto de características ou sinais que nos permitem identificar os indivíduos de determinada área ou comunidade. Diz de uma modalidade de conhecimento que nos direcionam a partir de associação de fatos ocorridos, imagens características e teorias para entender uma realidade comum a um conjunto de pessoas. É como a sociedade percebe ou reconhece alguma coisa. Existe uma consciência coletiva e da mesma forma uma maneira grupal de enxergar e entender um fato (CRUSOÉ, 2004; SPINK, 1993).

Durante muitos anos o uso de drogas ilícitas foi tratado como um desvio de caráter, sério problema moral que impedia o sujeito de viver e realizar atividades como um cidadão comum. Mais tarde, foi vivida como uma doença, cujo tratamento tinha como objetivo a abstinência total e estava sob a responsabilidade do poder médico. Com o crescente aumento do uso de substâncias psicoativas, mais precisamente a partir da segunda metade do século XX a “questão das drogas” deixou de ser um problema particularmente do campo da saúde e passou a ser considerado sobre lógica biopsicossocial, dada a sua complexidade e os multifatores envolvidos (PRATTA; SANTOS, 2009; MELO; MACIEL, 2016).

Um fator histórico que muito contribuiu com o processo de estigmatização, bem como sua consolidação no meio social foi à forma de tratamento ofertado. Dentre as primeiras tentativas de controlar o uso de substância, assim como os usuários, encontramos intervenções realizadas através de internações em hospitais psiquiátricos. Tal método não consistia, na maioria das vezes, em tratar o consumo, o objetivo principal desse tipo de ação era retirar da sociedade o indivíduo que demonstrasse fazer o uso de álcool ou outras drogas, tendo este ou não problemas relacionados ao uso (ASSIS *et al.*, 2013).

Atualmente já são estabelecidos novos parâmetros para entender o uso de drogas bem como a forma de tratar uma pessoa que busca ajuda profissional para solucionar algum problema proveniente direta ou indiretamente do uso de alguma substância. Apesar de ainda haverem muitos especialistas que defendem práticas como internação, segregação social, tratamentos com base exclusiva no uso de medicamento, o SUS, em contrapartida, garante através de diretrizes básicas, cuidados com ênfase na reabilitação e reinserção social (CARDOSO *et al.*, 2014 ).

Abordar o sujeito considerando sua individualidade, seus desejos e limites é uma proposta dessa nova forma de cuidado, modelo este que não visa à interrupção do uso da substância como ponto principal do tratamento, mas sim e principalmente o cuidado das questões mais relevantes para o sujeito em questão (BRASIL, 2003).

O que notamos atualmente é que ainda existe dentro da Representação Social muito preconceito para com usuários de drogas. O que encontramos no momento atual são pessoas dotadas de pouca ou quase nenhuma informação real sobre as drogas, seus efeitos na vida do usuário e na sociedade. O discurso depreciativo é ainda o que sobressai quando se trata do assunto. O reconhecido aumento do acesso às mídias sociais reforça uma imagem negativa e utiliza de seu poder para emitir com acelerada velocidade grande soma de ideias que diminuem e desqualifica o sujeito que faz uso de drogas. Percebe-se ainda hoje o poder do discurso médico sobre a melhor maneira de tratar essa situação, muitos defendem a segregação por meio de internações como único método de tratamento possível, tal atitude se posiciona na contramão do que propõe a reforma psiquiátrica, quando essa defende o direito do sujeito ser atendido no ambiente que lhe é próprio (BRAUN *et al.*, 2014; ZANOTTO; ASSIS, 2016).

## Estigma e suas consequências

Um forte fator responsável pela dificuldade de enxergar o usuário sob novos parâmetros que não contenha o preconceito como ponto alto destina-se ao fato de haver um “sinal” que distingue o sujeito pelo fato de ser usuário. Essa marca capaz de diferenciar pessoas e grupos é denominada estigma e traz em si inúmeras consequências negativas (SCHILLING; MIYASHIRO, 2008).

O termo estigma trata de um rótulo, uma maneira de caracterizar pessoas ou grupos de forma pejorativa, diminuindo e reduzindo todo ser total a alguns aspectos prejudiciais (SILVEIRA *et al.*, 2011). O estigma não marca somente aquele que chamamos alvo, mas excede-se e envolve pessoas próximas, como família, amigos. A extensão do conceito tem como consequência à discriminação de todo grupo onde o sujeito possa estar inserido (SCHILLING; MIYASHIRO, 2008).

Essa marca constitui por definição um termo que já era utilizado na Grécia Antiga para identificar pessoas que cometiam algum crime, impondo-lhes como castigo carregarem o peso de sua incompetência para conviverem socialmente (RONZANI *et al.*, 2015).

Ponto chave no discurso sobre estigma é a perspectiva do sofrimento. A rejeição da sociedade é sentida como uma perda em diversos âmbitos, implicando na impossibilidade de frequentar determinados locais, perceber-se alvo do desprezo de muitos, passar pela experiência de serem responsabilizados de maneira antecipada por qualquer inconveniência que venha a ocorrer (CARDOSO *et al.*, 2014).

Segundo Leite *et al.* (2015) o discurso sobre estigma se introduz na sociedade, muito comumente, de maneira disfarçada, escondendo uma forma de preconceito capaz de anular as vítimas, fazendo com que não seja percebido o sofrimento ou quaisquer outras consequências provenientes do mesmo. Pesquisas afirmam que grande parte das pessoas se afastam ou suspendem relações ao descobrirem uma ligação com drogas por parte de um dos envolvidos. O estudo esclarece como motivo do desligamento o medo que muitos apresentam de se relacio-

narem com alguém que poderá lhe trazer problemas futuros, tal pensamento é influenciado por uma percepção negativa sobre usuários de drogas (RONZANI *et al.*, 2015).

O processo de estigmatização dificulta a vida de maneira geral, uma vez que há grande tendência à diminuição da auto-estima, ocasionando, por exemplo, dificuldade para trabalhar, frequentar escola e locais comuns de lazer ou esporte. À medida que o próprio sujeito internaliza o estigma, este passa a se desvalorizar, muito comum sentirem vergonha, culpa e significativa queda da autoeficácia. Esse problema pode resultar no desenvolvimento de uma série de complicações como, sentimento de inferioridade, ansiedade exagerada, depressão, fatores estes que podem se tornar obstáculos para iniciar ou manter interações sociais (MAKSUD, 2014) (RONZANI *et al.*, 2015).

Também no campo da saúde percebemos consequências do estigma ao notarmos o número de pessoas que optam por interromper o tratamento ou nem mesmo iniciá-lo. Isso ocorre na maior parte das vezes por causa do preconceito do qual foram vítimas ou por acreditarem que enfrentarão em algum momento por parte dos especialistas responsáveis, tanto na rede pública como na rede privada. O risco de tal eventualidade é real e evidenciado através de pesquisas que demonstram ser o uso de álcool e outras drogas uma conduta condenada por profissionais e estudantes da área. Tais questões implicarão diretamente na possibilidade de sucesso do tratamento, diminuindo drasticamente as chances de melhora do indivíduo (RONZANI *et al.*, 2015).

## Como o estigma é mantido ou reforçado

A cultura, o momento histórico vigente e o contexto social são fatores que agem diretamente na formação e manutenção de um estigma, dessa forma, tais aspectos possuem o poder de alterá-lo. Alguns estigmas têm seus conceitos transformados ao longo da história, outros se perdem com o tempo, mas existem alguns que perpetuam por décadas (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011).

Quando transpomos a questão para o uso de drogas percebemos que essa condição está carregada de causas que mantém e reforçam o processo de estigmatização, como o fato de tratar-se em sua maioria de algo ilícito, associando assim, o usuário com a delinquência e marginalização. (MELO, 2016).

O discurso moral utilizado como base para rotular é extremamente prejudicial, uma vez que discrimina o usuário por utilizar uma substância ilegal, impondo-lhe certas medidas que o obriga, em diversos casos, a se afastar do convívio social, violando dessa forma o seu direito ao uso do espaço público. (BARD *et al.*, 2016)

A visão compartilhada por muitos profissionais também se revela como um meio bastante propício a reforçar comportamentos que estigmatizam. Sendo tais pessoas dotadas de um saber técnico e referência para a população em geral suas posições e opiniões a respeito de determinado assunto ou grupo de pessoas é de grande relevância. Quando um profissional age de forma a diminuir ou restringir determinados grupos a algumas características, é muito comum que esse comportamento influencie outros a tratá-los segundo a lógica do olhar do profissional. Quando o parâmetro para caracterizar usuários de drogas é inteiramente moral o resultado pode ser o medo e a exclusão por parte da sociedade. Além disso, o estigma também é mantido quando o profissional adere à postura de culpar o usuário, julgando seu problema como falha de



caráter e atribuindo a ele toda a responsabilidade do tratamento (RONZANI *et al.*, 2015).

Uma vez que os problemas derivados do uso de drogas atingem de alguma forma a sociedade, as consequências são sentidas no contexto social do usuário como um todo. No entanto as mídias tem o poder de diminuir o impacto quando retrata as informações de forma clara e comprometida a verdade por trás da questão em pauta ou ampliar os danos ao distorcer os fatos fornecendo ao público imagens estereotipadas e manipuladas. A televisão, as mídias sociais, canais, blogs entre tantas outras ferramentas, são muito eficazes quando se prestam a supervalorizar ou rebaixar uma pessoa ou grupo, pois funcionam com excelente velocidade. Quando as mídias se propõem a caracterizar e desqualificar usuários de substâncias psicoativas o resultado é a acentuação do estigma, uma vez que tudo o que é reproduzido alcança um enorme público em tempo mínimo (RODRIGUES; CONCEIÇÃO; IUNES, 2015).

Outro grande agravante é a visão da família a respeito do usuário de álcool ou outras drogas. Segundo Braun *et al.* (2014), pesquisas apontam não serem raras as situações em que o usuário é excluído do convívio familiar, ocasionando uma série de perdas e prejuízos em diversas instâncias, como material, financeiro, desgaste de sua imagem pessoal e social. É comum, ainda, notarmos o indivíduo ligado a substâncias psicoativas sendo considerado o centro de toda a desorganização familiar. Essa responsabilização torna-se um peso, uma vez que o sujeito passa a ser associado de forma direta ou indireta a todos os problemas ou conflito enfrentado dentro de casa. Essa situação reforça a interiorização do estigma, causando diminuição da crença em si mesmo e da autoestima, ao mesmo tempo em que potencializa a capacidade do sujeito de aceitar ideias negativas a ele vinculadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição do presente artigo aponta uma realidade que deixa a desejar quando consideramos o número de artigos, periódicos e materiais de forma geral, disponíveis para consulta, que tratam diretamente a respeito dos temas que envolvem o conceito de estigma associado ao uso de substâncias psicoativas.

Sendo essa uma questão central na vida de um usuário de drogas, assim como é retratado no decorrer do texto, pois exerce poder de criar ou reforçar uma visão negativa a respeito do sujeito, tanto sobre o aspecto de uma visão de si mesmo quanto a partir do olhar do outro. O estigma é capaz de conduzir não apenas o decorrer da vida, mas também, juntamente com outros fatores pode ser responsável pelo fracasso de um possível tratamento de combate ao uso de drogas.

O estigma, assim como inúmeros outros fenômenos sociais, nasce e ganha força na sociedade sem que as pessoas planejem ou tornem-se conscientes de sua interferência no meio em que vivem. Dessa forma faz-se necessário, na busca pela erradicação do estigma, a conscientização a respeito das consequências negativas causadas pelo mesmo. Um caminho que pode tornar possível alguma transformação no pensamento e nas ações com relação ao usuário de drogas é clareza sobre os mitos e verdades que os envolvem, uma vez que muito do que é construído no imaginário social está revestido de ideias dotadas de preconceito.

Compreende-se que o conceito de estigma associado aos usuários de substâncias psico-



ativas não sofreu grandes transformações, porém a maneira de propagação desta ideia tem sido mais eficaz hoje que no passado. Atualmente utiliza-se da mídia e dos meios de comunicação social para abranger e fazer chegar cada vez mais longe e com maior velocidade qualquer informação que se deseje tornar pública.

É importante ressaltar a influência do olhar dos profissionais bem como da família sob o usuário em questão. O enfrentamento do estigma não deve ser entendido apenas como uma responsabilidade do sujeito estigmatizado, uma vez que a visão do outro possui um papel de extrema importância neste processo. Quando o profissional assume uma postura estigmatizante é muito provável que sua capacidade técnica seja afetada por sua motivação, impedindo que o trabalho seja realizado livre de um aspecto discriminante ou preconceituoso.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Jaqueline Tavares de; BARREIROS, Graziella Barbosa; CONCEICAO, Maria Inês Gandolfo. A internação para usuários de drogas: diálogos com a reforma psiquiátrica. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 584-596, Dez. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S1415-47142013000400007eIngl=enenrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S1415-47142013000400007eIngl=enenrm=iso)>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018.
- ALLARIN, Maria Luisa Gazabim Simões; MIRANDA, Iara Monteiro Smeke de; FUENTES, Ana Carolina de Ramos Castelhana. Centro de atenção psicossocial: panorama das publicações de 1997 a 2008. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. 4, p. 726-737, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S1414-98932010000400005eIngl=ptenrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S1414-98932010000400005eIngl=ptenrm=iso)>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.
- BARD, Nathália Duarte *et al.* Stigma and prejudice: the experience of crack users. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 24, e2680, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S0104-11692016000100309eIngl=enenrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0104-11692016000100309eIngl=enenrm=iso)>. Acesso em: 02 de setembro de 2018.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. (2003). A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília (DF): SVC/CN/DST/AIDS.
- BESSA, Marco Antonio. Contribuição à discussão sobre a legalização de drogas. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, pp. 633-636, Mai. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S1413-81232010000300004eIngl=enenrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S1413-81232010000300004eIngl=enenrm=iso)>. Acesso em: 30 de junho de 2018.
- BRAUN, Lori Maria; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; HALPERN, Silvia C.. A família do usuário de drogas no CAPS: um relato de experiência. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 122-144, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S1677-29702014000200010eIngl=ptenrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextepid=S1677-29702014000200010eIngl=ptenrm=iso)>. Acesso em 12 de setembro de 2018.
- BORENSTEIN, Miriam Süssking *et al.* Hanseníase: estigma e preconceito vivenciados por pacientes institucionalizados em Santa Catarina (1940-1960). *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 61, n. spe, p. 708-712, Nov. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S0034-71672008000700009eIngl=enenrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0034-71672008000700009eIngl=enenrm=iso)>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.
- BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida. Comportamento violento entre consumidores de crack. *av.enferm.*, Bogotá, v. 33, n. 1, p. 75-84, Jan. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S0121-45002015000100009eIngl=enenrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0121-45002015000100009eIngl=enenrm=iso)>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.

CARDOSO, Maristela Person *et al* . A percepção dos usuários sobre a abordagem de álcool e outras drogas na atenção primária à saúde. *Aletheia*, Canoas , n. 45, p. 72-86, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942014000200006&lng=pt&nr=1](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000200006&lng=pt&nr=1)>. Acessos em 21 de setembro de 2018.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. *APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista*, n. 2, pp. 105-114. Jan./Jun. 2004. Disponível em: [http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf\\_121](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121). Acesso em: 25 de junho de 2018.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 4, p. 44-45, 2002.

LEITE, Soraia Cristina Coelho; SAMPAIO, Cristina Andrade; CALDEIRA, Antônio Prates. “Como ferrugem em lata velha”: o discurso do estigma de pacientes institucionalizados em decorrência da hanseníase. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 25, n. 1, p. 121-138, Março 2015 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312015000100121&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312015000100121&lng=en&nr=iso)>. Acesso em 13 de fevereiro de 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LONGO, Isis S. O estigma dos três ps: pobre, preto, da periferia. A visão de adolescentes da Comunidade Heliópolis. 2012, São Paulo. *Proceedings online*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000132012000100017&lng=en&nr=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100017&lng=en&nr=abn)>. Acesso em: 3 dezembro de 2018.

LINS, Emmanuela Vilar. A nova Lei de Drogas e o usuário: a emergência de uma política pautada na prevenção, na redução de danos, na assistência e na reinserção social. In: NERY FILHO, Antônio, *et al*. orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: CETAD, 2009. pp. 243-267.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 33, n. 3, pp. 580-595, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000300006&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300006&lng=en&nr=iso)>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

MARANGONI, Sônia Regina; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis , v. 22, n. 3, p. 662-670, Set. 2013 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072013000300012&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000300012&lng=en&nr=iso)>. Acesso em: 22 de junho de 2018 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000300012>.

MAKSUD, Ivia. Estigma e discriminação: desafios da pesquisa e das políticas públicas na área da saúde. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 1, p. 311-321, Mar. 2014 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312014000100311&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000100311&lng=en&nr=iso)>. Acesso em: 07 de setembro de 2018.

MELO, Juliana Rízia Félix; MACIEL, Silvana Carneiro. Representação Social do Usuário de Drogas na Perspectiva de Dependentes Químicos. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 1, pp. 76-87, Mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932016000100076&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100076&lng=en&nr=iso)>. Acesso em: 01 de julho de 2018.

MOTA, Leonardo de Araújo e. Dependência química, representações sociais e estigmas. XIV congresso nacional de sociologia, GT - saúde e sociedade. Fortaleza, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10, 2008. Disponível em: <[www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.ht](http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.ht)>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 203-211, June 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200008&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200008&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul. 2012. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

RODRIGUES, Daniel Rohe Salomon da Rosa; CONCEICAO, Maria Inês Gandolfo; IUNES, Ana Luísa da Silva. Representações Sociais do Crack na Mídia. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 115-123, Mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722015000100115&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722015000100115&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

RONZANI, Telmo Mota (org.). Reduzindo o estigma entre usuários de drogas: guia para profissionais e gestores. Juiz de Fora: UFJF, 2015. p. 24

SIQUEIRA, Ranyella; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. *Imagonautas*, 2, 1, p. 92-113, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4781280>. Acesso em 03 de dezembro de 2018.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Galdino. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 34, n. 2, pp. 243-254, Ago. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022008000200003&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200003&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

SILVEIRA, Pollyanna Santos da *et al.* Revisão sistemática da literatura sobre estigma social e alcoolismo. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 16, n. 2, pp. 131-138, Ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2011000200003&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000200003&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em: 27 de junho de 2018.

SPINK, Mary Jane Paris. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, pp. 300-308, Set. 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

TRAD, Sérgio. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: NERY FILHO, A., *et al.* orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: CETAD, 2009. pp. 97-112.

ZANOTTO, Daniele Farina; ASSIS, Fátima Büchele. Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 771-792, Julho 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312017000300771&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300771&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em 15 de julho de 2018.